

DÉBORA GONTIJO QUEIROZ DA SILVEIRA



**PATRIMÔNIO DE SABARÁ: UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DE ARTE
E A CULTURA LOCAL**

CONSELHEIRO LAFAIETE

2013

DÉBORA GONTIJO QUEIROZ DA SILVEIRA

**PATRIMÔNIO DE SABARÁ: UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DE ARTE
E A CULTURA LOCAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Luíza Dias Viana.

CONSELHEIRO LAFAIETE

2013

DÉBORA GONTIJO QUEIROZ DA SILVEIRA

**PATRIMÔNIO DE SABARÁ: UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DE ARTE
E A CULTURA LOCAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Luíza Dias Viana – EBA/UFMG

Membro da banca – Profa. Ma. Sara Moreno – EBA/UFMG

CONSELHEIRO LAFAIETE

2013

DEDICATÓRIA

Dedico este projeto ao meu marido Célio que foi o primeiro a me incentivar em retomar meus estudos, bem como a sua grande ajuda em meu trabalho, sempre corrigindo os erros que deixava passar. A minha mãe Hilma por muitas vezes me ajudar com meus macaquinhos Arthur e Heitor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus irmãos, familiares e amigos sempre presentes.

A Marcella e Letícia por sempre nos receber com tanto carinho e atenção.

A Maria Luiza, minha orientadora que me possibilitou buscar o conhecimento da cultura local de minha comunidade.

A direção da Escola Municipal Professora Maria Aparecida Batista que sempre me acolheram com tanto carinho.

A todas minhas amigas e companheiras de trabalho, professoras, serviçais, secretárias, auxiliares, cantineiras, bibliotecária que sempre estão presentes em uma parte de meu dia.

A todos enfim, que fizeram parte deste trabalho, como eu.

EPÍGRAFE

“Ainda vejo o mundo com os olhos de criança,
Que só quer brincar e não tanta resposta.
Mas a vida cobra sério e realmente não dá pra fugir.”

Charlie Brown Jr.

RESUMO

Este trabalho tem o propósito de investigar, em uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Sabará/MG, o processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais numa abordagem relacionada à educação patrimonial. Neste nível escolar, o ensino-aprendizagem de artes, quando ocorre, está dissociado do patrimônio histórico, cultural e natural que cerca os alunos. Para realização dos objetivos do estudo, lancei mão da Proposta Triangular do Ensino da Arte, que propõe que este seja elaborado a partir das três ações básicas: *ler obras de arte*, *fazer arte*, e *contextualizar*. Aliado a esta proposta, trabalhei também com o olhar dos alunos em relação ao espaço que utilizam, modificam e interagem, entendendo isso como o pressuposto para a identificação, proteção e promoção do patrimônio que os rodeiam. Para tanto, utilizei a antiga Estação Ferroviária de General Carneiro, desativada há anos, e depois demolida, como o objeto de nosso trabalho neste estudo. A construção dos dados para análise fez-se a partir dos registros em caderno de campo, da produção escrita dos alunos, dos desenhos feitos pelos alunos, e das entrevistas que os alunos fizeram com os seus familiares e vizinhos. Os dados analisados indicam que o processo de ensino-aprendizagem em artes visuais, numa abordagem relacionada à educação patrimonial, pode propiciar ricas experiências de aprendizagem, tanto para a formação dos educandos, quanto para a formação dos docentes-investigadores envolvidos.

Palavras-chave: Artes Visuais, ensino-aprendizagem, educação patrimonial.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Alunos desenvolvendo a atividade do desenho na 2ª aula.....	24
Figura 2 — Aluno desenhando em perspectiva na 2ª aula	24
Figura 3 - Antiga Estação Ferroviária de General Carneiro	27
Figura 4 - Alunos dirigem-se ao local da antiga estação ferroviária.....	28
Figura 5 - Alunos no local onde existia a antiga estação ferroviária.....	29
Figura 6 - Alunos realizam a atividade proposta para a sexta aula.....	29
Figura 7 - Representação dos efeitos da modernidade sobre o patrimônio histórico (a).....	30
Figura 8 - Representação dos efeitos da modernidade sobre o patrimônio histórico (b).....	30
Figura 9 - Representação dos efeitos da modernidade sobre o patrimônio histórico (c).....	31
Figura 10 - Representação dos efeitos da modernidade sobre o patrimônio histórico (d).....	31
Figura 11 - Representação dos efeitos da modernidade sobre o patrimônio histórico (e).....	31
Figura 12 -. Atividade realizada por um aluno na 1ª aula.....	34
Figura 13 - Atividade realizada por um aluno na 2ª aula.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – Fundamentações teóricas e abordagens metodológicas	13
CAPÍTULO 2 – Conhecendo a comunidade escolar	16
2.1 – O município.....	16
2.2 – A escola.....	16
CAPÍTULO 3 – O desenvolvimento das aulas	20
CAPÍTULO 4 – Dados do estudo	33
4.1 – Os dados construídos.....	33
4.2 – Algumas análises.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de investigar o processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais, numa abordagem relacionada à educação patrimonial. Especificamente, buscou-se compreender como se daria essa proposta em uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública da periferia do Município de Sabará/MG, a E.M. Professora Maria Aparecida Batista (EMPMAB).

No entanto, a partir da minha experiência como professora municipal sabarense, tenho o entendimento de que esse precioso acervo histórico da cidade de Sabará e das comunidades no entorno do seu centro histórico não tem sido utilizado em sua plenitude, seja no processo educacional em geral, seja no processo de ensino-aprendizagem de Artes Visuais, em particular.

Para realização de nossos objetivos, lancei mão da Proposta Triangular do Ensino da Arte de Ana Mae Barbosa, que diz que a construção de conhecimento em artes acontece quando há a interseção da experimentação com a codificação e com a informação, propondo-se que a composição do programa do ensino de Arte seja elaborado a partir das três ações básicas que executamos quando nos relacionamos com a Arte: ler obras de arte, fazer arte, e contextualizar¹. Também utilizei Michele Abreu Arroyo, Clarice De Assis Libânio, e Thaís Velloso Cougo Pimentel como referencial teórico relacionado à Educação Patrimonial.

Na prática, a intenção foi a de estudar com os alunos a partir do patrimônio que os rodeia, principalmente em outros espaços formativos que não o da sala de aula, o *ler* e o *fazer arte*, a partir de minhas mediações no sentido de contextualizá-la. Para isso, busquei inicialmente resgatar as referências e

¹ A Proposta Triangular do Ensino de Arte será discutida em maiores detalhes no capítulo das Fundamentações deste estudo.

documentos sobre o patrimônio histórico, cultural e natural do Município de Sabará, dirigidos ou não a educadores, e selecionar um atrativo desse patrimônio para, com os alunos, desenvolver a Proposta Triangular do Ensino de Arte. Esses trabalhos, editados na sua maioria por órgãos governamentais ligados à cultura no formato de livros, revistas, jornais, folders, etc., tratam dos aspectos históricos, culturais e turísticos do patrimônio municipal sabarense. Por isso, entendo que todas as manifestações das Artes Visuais podem ser contempladas a partir desses trabalhos. A minha escolha, nesta proposta de estudo é a da utilização da modalidade *desenho*.

Os dados construídos para análise dos sentidos produzidos foram os exercícios dos alunos nesta etapa da proposta triangular de *fazer arte* a partir de seus desenhos. Pelo resgate das referências e documentos sobre o patrimônio municipal, apresentei aos alunos esse acervo, discuti os aspectos históricos, socioculturais e artísticos envolvidos. Após essa abordagem, decidimos coletivamente qual dos artefatos seriam o objeto da minha proposta triangular para o ensino da arte, e para aprofundamento dos estudos sobre os aspectos que envolvem esse artefato específico: a Estação Ferroviária de General Carneiro, desativada há anos, e depois demolida.

Apesar da riqueza desse patrimônio, minha experiência mostra que esse acervo não é utilizado no processo de ensino-aprendizagem em geral, e de artes, em particular. Não se pode nem dizer que uma das causas dessa situação seja a falta de materiais didáticos ou paradidáticos para serem utilizados pelos professores em sala de aula. É possível verificar que há medidas tomadas pelos órgãos que compõem o sistema de ensino municipal no sentido de produzir materiais didáticos e paradidáticos ligados ao patrimônio municipal, mas eles, de fato, acabam por não serem utilizados em sala de aula.

Assim, os alunos, apesar de cercados por um rico patrimônio, não têm acesso a ele, à sua história, sua importância, seus contextos de criação e manutenção. A mesma situação se verifica em relação ao processo de ensino e aprendizagem de Artes, quando não é utilizado em seu desenvolvimento esse

rico patrimônio, sua história, sua importância, seus contextos de criação e manutenção.

Da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental, não existem professores formados na área das Artes. Quem ministra as aulas são os professores regentes da turma. Por falta de conhecimento, as aulas de Arte destas turmas normalmente são usadas pra confecção de lembrancinhas e até mesmo como forma de relaxamento, tanto dos professores como dos alunos. Alunos do Ensino Fundamental do 6º ao 8º anos não têm aulas de Artes visuais. Apenas os alunos do 9º ano têm aulas de Arte uma vez por semana.

Assim, meu estudo justifica-se ao tentar relacionar o ensino de Artes com a educação patrimonial, tão importantes, mas, ao mesmo tempo, de igual forma inseridos em um contexto em que não são efetivados de forma plena e desejável. O resgate das referências e documentos sobre o patrimônio municipal justifica-se como forma de implementar a metodologia proposta para o estudo, e como contribuição para a sistematização desses materiais, a servir de referência para outros professores. A visita ao artefato patrimonial escolhido, e que redundará nos exercícios dos alunos durante o *fazer arte*, justifica-se também por ir ao encontro da Proposta Triangular de Barbosa, bem como por demonstrar que o ensino de Artes pode se dar em outros espaços formativos, que não só os relacionados às salas de aula.

O objetivo deste estudo foi o de investigar, em uma turma de alunos do ensino fundamental, o processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais mediado por ações relacionadas à educação patrimonial. Buscou-se alcançar esse objetivo por meio do resgate dos trabalhos, referências e documentos sobre o patrimônio histórico, cultural e natural do Município de Sabará; pela seleção de um atrativo desse patrimônio e, a partir dele, pelo desenvolvimento da Proposta Triangular do Ensino de Arte; e pela investigação dos sentidos produzidos por esta abordagem, analisando os produtos da fase de *fazer Arte* pelos alunos.

Este projeto está dividido em três capítulos. No capítulo 1, apresento os referenciais que escolhi para a condução do projeto, descrevo como a educação patrimonial desempenha um papel importante no olhar dos moradores, e falo sobre como a valorização das manifestações culturais locais são importantes de serem resgatadas. No capítulo 2, descrevo sobre o local e os sujeitos que fizeram parte deste projeto, e também como se deu a escolha do artefato para o desenvolvimento do projeto. Já no capítulo 3, relato o planejamento das atividades desenvolvidas na sala de aula e também fora da escola. Procuo também mostrar os instrumentos utilizados para resgatar algumas de nossas histórias.

O resultado deste projeto me trouxe elementos bastante positivos para o meu trabalho, pois, através dos desafios apresentados, posso redefinir minha prática como professora e quem sabe ajudar outras pessoas que possam se interessar pelo tema.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS E ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Neste estudo, propus tratar do processo de ensino-aprendizagem de Artes Visuais fundado em uma abordagem relacionada à educação patrimonial. Nesse sentido, como referenciais teóricos, trabalhei com o conceito de mediação, já que intimamente relacionado aos processos de ensino-aprendizagem em geral; com a proposta triangular de Barbosa, pois que relacionada à construção específica de conhecimento em Artes; e com a educação patrimonial, já que é conceito central da minha proposta de trabalho. Minhas fundamentações, assim, se dividem nas de ordem metodológica e de tema.

A mediação em minha proposta de estudo é muito importante, já que a intenção foi a de analisar os sentidos produzidos pelos sujeitos envolvidos nas atividades de ensino-aprendizagem planejadas. Como referencial para pensar e discutir esse conceito e permitir a análise dos dados construídos, adotei a abordagem histórico-cultural, e um dos seus principais representantes, Lev Semenovitch Vigotski.

Os estudos em uma abordagem histórico-cultural são essencialmente de cunho qualitativo, pois o que interessa é a compreensão dos sentidos que são construídos e compartilhados por indivíduos socialmente relacionados no próprio processo dialógico como esforço de significar. Nessa relação dialógica, os sentidos vão sendo construídos e o investigador não chega a resultados acabados e generalizáveis para qualquer situação, já que são produzidos em contextos específicos de estudo. Ao contrário das explicações que o investigador fornece a terceiros, o esforço é o de compreensão dos fenômenos estudados na singularidade das situações em que foram produzidas. Ele constrói sentidos a partir de sua experiência com os sujeitos investigados no campo de estudo. O encontro que se dá é com o outro, e aí a importância de se dar atenção à mediação docente nesse processo.

Quanto à proposta triangular, nos diz Barbosa:

A construção de conhecimento em Artes acontece quando há a interseção da experimentação com a codificação e com a informação, propondo-se que a composição do programa do ensino de Arte seja elaborado a partir das três ações básicas que executamos quando nos relacionamos com a Arte: ler obras de Arte, fazer Arte, e contextualizar (BARBOSA, 2002, p.66).

O ler obras de Arte envolve o questionamento, a busca, a descoberta e o despertar da capacidade crítica dos alunos. O fazer Arte representa a ação de domínio da prática artística, como por exemplo, o trabalho em ateliê. No contextualizar, estamos operando no domínio da História da Arte e outras áreas de conhecimento necessárias para determinado programa de ensino. Assim, a Proposta Triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional, entre as partes e o todo e vice-versa do contexto de ensino da Arte.

Essas ações, entendo, vão ao encontro da proposta de estudo, tanto como fundamento metodológico para o planejamento das atividades para construção dos dados, como para a análise desses dados.

No que diz respeito às referências para sustentarem meu trabalho, utilizei Arroyo, Libânio e Pimentel. Já na parte metodológica, utilizei Barbosa.

A pesquisadora Arroyo defende:

O diálogo permanente as políticas públicas de educação e proteção do patrimônio cultural, tendo como premissa o caráter educativo da cidade, propicia uma maneira de chegar a uma cultura urbana mais cidadã, pois se ancora em uma troca de olhares sobre o cotidiano da vida na cidade, onde se dão os processos de socialização de construção do conhecimento, da cultura, das identidades, de sentido crítico e de participação e onde se aprende a função social da escola e da própria cidade (ARROYO, 2006, p.35).

Minha proposta de estudo, entendo, busca essa direção metodológica apontada pela autora.

Para Libânio, “o reconhecimento de nós mesmos e daqueles com os quais convivemos passa pelo mapeamento e diagnóstico cultural, em uma busca pelo conhecimento e difusão da cultura local” (LIBÂNIO, 2013), esforços que espero desenvolver com as atividades planejadas. Ainda segundo a autora, “com essa forma de metodologia de planejamento, onde se envolve mais os moradores tem se conseguido construir o reconhecimento, a valorização de suas manifestações culturais locais”.

Já Pimentel Thaís Pimentel, José Bittencourt e Luciana Ferrón entendem que: “todo e qualquer artefato, independentemente de sua categoria, é um potencial suporte de informação sobre os processos sociais e comunicativos que o gerou”. Utilizá-la como referencial será importante para compreender os sentidos produzidos nesse estudo quando o atrativo selecionado do patrimônio constituir-se como um artefato no sentido dado pela autora.

CAPÍTULO 2 – CONHECENDO A COMUNIDADE ESCOLAR

2.1 – O município

O município de Sabará, localizado na região metropolitana da capital mineira, tem cerca de 127.000 habitantes em uma área de 302 Km². Sua economia é constituída essencialmente pelos setores de serviços e de indústria, nesta ordem, respondendo por cerca de 0,55% do Produto Interno Bruto (PIB) estadual. Possui 99 escolas e 1.375 docentes, sendo a maioria no ensino fundamental: 50% das escolas, 70% dos docentes, e 72% das matrículas².

Histórica, tricentenária, a cidade possui um acervo constituído por igrejas, capelas, interiores, esculturas, arquitetura civil, artesanato, eventos, festivais, manifestações culturais, rios e montanhas, patrimônio este densamente revelado nos já citados trabalhos que resgatei para desenvolver melhor um histórico sobre o acervo e o patrimônio da cidade.

2.2 – A escola

Como vimos, havia definido que a estudo seria realizado com alunos da Escola Municipal Professora Maria Aparecida Batista (EM.PMAB). Essa decisão, de caráter prático, teve a ver com o fato de que eu era professora dessa unidade³, o que facilitaria a construção dos dados do projeto com os sujeitos envolvidos: alunos, colegas professoras e gestoras.

A instituição é uma das 66 (sessenta e seis) do Município de Sabará/MG a ofertar o ensino em nível de pré-escola e fundamental. Dessas 66 escolas, 30

² Dados disponibilizados no sítio do IBGE, www.ibge.gov.br.

³ Atualmente em licença para capacitação.

(trinta) são públicas municipais, 22 (vinte e duas) são privadas, e 14 (quatorze) são públicas estaduais, de acordo com dados do Inep⁴.

Ainda de acordo com o Inep, e considerando-se apenas as escolas públicas municipais, verifica-se que houve no ano de 2012 um total de 2.406 (duas mil quatrocentas e seis) matrículas de alunos no nível de pré-escola, e 4.005 (quatro mil e cinco) matrículas nos anos iniciais do ensino fundamental (tempo parcial). Desses totais, a EMPMAB respondeu por 101 (cento e uma) matrículas na pré-escola (cerca de 4%), e por 344 (trezentos e quarenta e quatro) matrículas nos anos iniciais do ensino fundamental (cerca de 9%).

A EMPMAB está localizada no Bairro de General Carneiro, Distrito de Carvalho de Brito. É comum, no entanto, que o distrito acabe sendo nominado por General Carneiro, o maior de seus bairros. A região do General Carneiro, com cerca de 40 (quarenta) mil habitantes, o equivalente a cerca de 1/3 (um terço) da população do Município, abriga vários bairros de onde são provenientes os alunos da escola investigada:

General Carneiro, Val Paraíso, Nações Unidas, Carvalho de Brito, Vila Rica, Vila São José, Vila São Sebastião, Vila Santa Rita, Vila Nossa Senhora da Conceição, Itacolomi, Coqueiros, Alto Vila São José. A regional General Carneiro, quando comparada a outras regionais, encontra-se bem servida de equipamentos sociais, com o total de 31. No entanto, é preciso fazer a seguinte ressalva: esse número é proporcional à quantidade de habitantes do local, que é maior que em muitas outras regionais. Desse total, há cinco associações comunitárias, cinco escolas estaduais, cinco escolas municipais, três centros infantis de educação, quatro postos de saúde, duas ONGs que trabalham com Arte e cultura, um espaço cultural, um centro técnico de produção cultural, uma estação de Arte, com oficinas de Artes cênicas, um centro de convivência da juventude, uma pastoral da igreja, um grupo da Sociedade São Vicente de Paulo e uma rádio comunitária. Contudo, como a regional abrange um vasto território, há uma diferenciação relevante entre os bairros, de modo que alguns deles apresentam uma situação mais precária que outros. Por exemplo, nem todos os bairros têm rede de esgoto – como o Alto Vila São José, Itacolomi e parte do Coqueiros – e falta pavimentação em alguns

⁴ Dados do Censo Escolar 2012 realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Estudos Educacionais Anísio Teixeira (Inep), disponível em www.inep.gov.br, consulta em agosto/2013.

deles. Ademais, existe uma carência de equipamentos culturais e de lazer, como quadras de esportes e praças, na regional, na opinião de lideranças entrevistadas. (Libânio e outros, 2009⁵).

De acordo com a minha experiência como moradora e professora dessa região há anos, constato que é uma área carente, de vulnerabilidade social, de pouca atenção do poder público, com problemas perceptíveis de segurança e criminalidade.

A EMPMAB conta com 20 (vinte) turmas distribuídas nos turnos da manhã e da tarde. Dessas, 4 (quatro) turmas são do 5º ano do ensino fundamental, todas funcionando no turno da manhã. Uma dessas turmas de alunos foi a escolhida para a realização do estudo. Com a expectativa de que a escola pudesse participar de minha proposta de investigação, contatei a sua direção que me propiciou o encontro com as professoras especialista (de Artes), com a professora regente (de referência) de uma dessas turmas, bem como com a pedagoga do turno. Desse encontro, me foi sugerida a escolha da turma na qual estavam alunos considerados como sendo oriundos de famílias mais estruturadas e participativas na vida escolar de seus filhos. Não me opus à sugestão, uma vez que esse critério de seleção não fosse preponderante para a realização de meus objetivos de estudo. Não era condição necessária e minha exigência que as ações de mediação desenvolvem-se na melhor turma.

Praticamente ausente no nível fundamental, o ensino-aprendizagem de Artes como temos entendido como desejável, quando ocorre, está dissociado desse patrimônio histórico, cultural e natural. Assim, abre-se mão da utilização de uma abordagem relacionada a uma educação patrimonial.

A professora especialista não possui formação inicial em Artes, mas sim em Licenciatura em Pedagogia. Atua somente na rede municipal de Sabará. Apesar de contar com experiência de mais de uma década na profissão como

⁵ Texto disponível em www.favelaeissoai.com.br, consulta em agosto/2013.

professora generalista, somente há um ano vinha atuando como professora especialista de Artes.

No primeiro encontro na escola com essa professora, expus a minha proposta de trabalho. A proposta apresentada foi a de que as mediações pedagógicas fossem feitas de forma colaborativa por mim e a professora, o que envolveria o planejamento e implementação das ações de ensino necessárias para o alcance dos propósitos traçados. A professora concordou com as minhas propostas, inclusive assumisse a condução das mediações pedagógicas durante as atividades de construção dos dados do estudo.

Na turma escolhida, havia 23 (vinte e três) alunos frequentes com idade média de 11 (onze) anos, sendo 13 (treze) meninas e 10 (dez) meninos. Esses alunos são oriundos dos diversos bairros da região de General Carneiro. A turma não apresenta características diferentes das que estamos acostumados como professoras, ou seja, era formada por alguns alunos desinteressados, outros indisciplinados, alguns motivados, outros dispersos, e alguns que necessitam de uma dedicação maior da professora.

Não existem espaços físicos destinados às aulas de Arte. Precisamos nos adequar ao espaço da sala de aula ou outros ambientes dentro da escola. Materiais, como tinta, pincel, papel, cola, tesoura etc., muitas vezes, não podem ser providenciados pelos nossos alunos por falta de condições para isso, pois são muito carentes. A escola só compra o material quando há sobra de recursos financeiros. Os professores chegam a retirar dinheiro de seus próprios salários para poderem desenvolver atividades de Arte na escola.

CAPÍTULO 3 - O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS

No planejamento das atividades que seriam desenvolvidas em sala de aula, meu esforço foi o de criar condições que levassem os alunos a pensar em como a nossa cidade e comunidade surgiram e desenvolveram os seus patrimônios históricos, culturais e naturais. Nesse sentido, Libânio diz:

Há muitos anos venho batendo na mesma tecla, por onde quer que eu vá: a importância do mapeamento e do diagnóstico cultural para o (re) conhecimento de nós mesmos e daqueles com os quais convivemos em nossa comunidade, cidade, estado, país (LIBÂNIO, 2013, p.1).

Com essa meta, busquei instrumentalizar as aulas iniciais por meio da exibição de vídeos e imagens. Todos esses instrumentos traziam alguma informação que resgatava a história de nossa cidade e região. A intenção era a de criar condições para que as aulas pudessem ser diversificadas e atrativas para os alunos. Tive a preocupação de desenvolver aulas interativas, sempre atenta às manifestações dos alunos, tarefa difícil no que se referia às dúvidas surgidas, pois nem sempre tinha as respostas de pronto. Quando isso acontecia, anotava a dúvida e pesquisava a resposta para discussão na turma no próximo encontro.

Os trabalhos foram desenvolvidos ao longo de seis aulas.

Nossa primeira aula foi sobre o surgimento da história oficial da cidade Sabará, considerando que existem outras histórias também importantes do povo de Sabará. Meu desafio foi o de estabelecer uma relação entre o início de nossa cidade e o desenvolvimento da região de General Carneiro. Nesta aula busquei saber dos alunos o que eles conheciam sobre o tema, sendo que as contribuições dadas foram registradas no quadro.

Em seguida, foram apresentados aos alunos slides com aspectos históricos de nossa cidade, incluindo a exibição de fotos antigas do seu centro histórico. Por fim, os alunos realizaram uma atividade (Anexo I) onde se pedia um desenho sobre a cidade de Sabará. Também que respondessem à seguinte questão:

“Por que devemos preservar aquilo que é importante na nossa comunidade? você acha importante preservar os elementos próprios da nossa cultura? Por que?”

Essa atividade vai ao encontro do que defende Arroyo (2006). Para a autora, há a necessidade de se trabalhar com o olhar dos habitantes da cidade em relação ao espaço que utilizam, modificam, interagem, e entendendo isso como pressuposto para a identificação, proteção e promoção do patrimônio cultural.

Algumas das respostas dadas pelos alunos foram as seguintes:

“Meu desenho representa a cidade que eu nasci. Sim, porque preservar é importante para a história e para o futuro.”

“Esse desenho representa um monumento de minha cidade. Sim, para que as pessoas conheçam a nossa história.”

“Meu desenho representa uma igreja. Sim, porque me faz lembrar de quanto minha cidade é antiga.”

Recebidas as atividades feitas pelos alunos ao final da primeira aula, percebi que todos só desenharam igrejas, e estas eram bem simples e sem detalhes. Alguns se recusaram a desenhar, alegando que não sabiam desenhar. Então, resolvi conversar com eles, encorajando-os a desenhar, no sentido do que defende Rodrigo Coelho:

A ação de desenhar aparece muito cedo e, de modos diversos, está presente em nossas vidas, nas anotações ao pé do telefone, nos rabiscos, nos croquis, nos mapas, e na assinatura que nos caracteriza, diferencia e representa ao registrarmos com uma caneta nosso nome em um papel (COELHO, 2013, p.57).

Entreguei a cada um dos alunos uma folha contendo uma fotografia com a imagem de uma igreja (Anexo II). Junto com os alunos, fui desenhando no quadro e mostrando para eles como se usa a técnica da perspectiva.

Ao desenvolver esta atividade, busquei trabalhar com a técnica do desenho em perspectiva. Para Parramón, (1986), a perspectiva deve ser considerada como uma ciência, e, sem dominá-la, seria impossível desenhar e construir como é devido. Segundo o autor, essa técnica permite desenhar sobre uma superfície bidimensional uma cena tridimensional, ou seja, permite desenhar uma cena registrando sua altura, largura e profundidade, com a simplicidade de uma operação aritmética. Vários artistas da Renascença, como Rafael, Miguel Ângelo, Da Vinci, Tizziano, etc., os descobridores das fórmulas matemáticas envolvidas nessa técnica, consideravam-na a invenção do novo século.

No entanto, não podemos concordar com Parramón quando ele se refere à simplicidade de se desenhar em perspectiva. Principalmente quando estão envolvidos estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental. Isso porque, como mesmo demonstra o autor, essa técnica envolve a apreensão de diversos elementos relacionados ao que se quer representar em desenho, dentre eles, a linha de horizonte, o ponto de vista, os pontos de fuga, o trabalho com a luz, etc. Assuntos que revelam uma complexidade natural e exigem um conhecimento matemático e geométrico ainda não adquirido por esses estudantes.

Metzger (1995) confirma essa ilusória simplicidade relacionada ao desenho em perspectiva. Ao relatar o convite que recebeu para escrever uma série de manuais sobre perspectiva, pensava que a perspectiva era uma brincadeira de crianças e que poderia se encarregar dessa tarefa em algumas semanas. Trazido à razão, como ele próprio relata, ficou-lhe evidente que essa aparente facilidade esconde muitas coisas mais.

Assim, apesar das complexidades que se apresentavam para a tarefa, entendi que era importante iniciar os estudantes nesse fundamental conteúdo das Artes Visuais. Com o desenvolvimento da tarefa, a discussão de várias questões relacionadas ao desenho de observação poderia ser iniciada, das quais posso enumerar: elaboração de esquemas gráficos necessários para desenhar objetos, contextualização dos desenhos em ambientes ou paisagens sem distorção estrutural, impressão de profundidade, perspectivas, linhas, cores,

volumes, planos, sobreposição, mudança de dimensão e de espaço, modelização, pormenores e contornos, etc.

É claro que essas questões não poderiam ser tratadas no nível teórico e com uma profundidade desproporcional ao nível de escolaridade dos estudantes aos quais a atividade era dirigida. Por isso, optou-se por um tratamento desses temas de forma mais lúdica e objetiva. Nesse sentido, a minha mediação para a realização da atividade buscou mostrar aos estudantes os caminhos para se desenhar bem, como nos ensina Metzger: ver, compreender, praticar e utilizar a técnica.

Para o autor, ver significa que o olhar observa bem o motivo a desenhar e o analisa como umas tantas formas abstratas, de cores, valores de luz e estruturas de superfície. Compreender significa saber quais são as ligações que existem no objeto que se vai desenhar. Praticar é o que torna a pessoa apta a utilizar bem a sua capacidade de ver e de compreender. É o treino de que se necessita para transformar em contornos, cores, sombras e superfícies aquilo que se vê e que se apreende. Utilizar a técnica é tirar proveito de outras técnicas desenvolvidas e ensaiadas, acrescentando-as às da pessoa que está utilizando a perspectiva no desenho de observação.

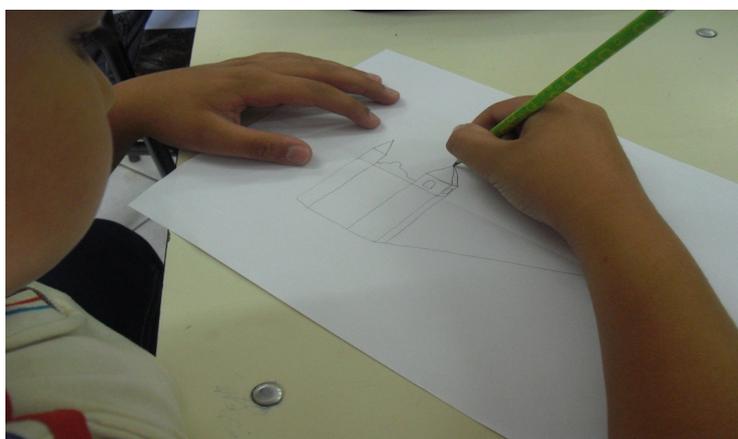
Pude perceber que os alunos se apresentaram com coragem de desenhar, sem medo de errar e quando tinham dúvidas me chamavam pedindo ajuda (Figuras 1 e 2). Alguns alunos expressaram em seus desenhos a realidade do seu dia-a-dia.

Ao desenvolver esta atividade quero ressaltar que meu principal objetivo era o de encorajar nossos alunos a desenhar, já que na aula anterior alguns demonstraram inseguros. Optei pelas igrejas por ser o desenho que mais apareceu em nossa atividade anterior.

Figura 1 – Alunos desenvolvendo a atividade do desenho na 2ª aula



Figura 2 – Aluno desenhando em perspectiva na 2ª aula



Desta vez, o desafio foi buscar dos alunos o que eles conheciam sobre a nossa região, como surgiu e como se desenvolveu. Através de uma conversa com eles, descobri que muitas dúvidas e perguntas existiam sobre a história da região de General Carneiro. Dentre elas, destaco as seguintes:

De onde vem o nome General Carneiro?

Por que as casas de Marzagão são antigas?

Quem surgiu primeiro: General Carneiro ou Marzagão?

Especificamente sobre a Estação Ferroviária de General Carneiro, patrimônio escolhido para o meu trabalho, foi interessante constatar que dez alunos

nunca ouviram falar da mesma, enquanto outros onze já tinham ouvido falar sobre ela, embora nunca tivessem visto uma imagem da estação. Em contrapartida, dois alunos possuíam em suas casas um quadro que retratava a estação.

Nesta quarta aula, foi apresentado um vídeo aos alunos (Anexo III), onde é relatado um pouco desta história de General Carneiro. Durante a apresentação do vídeo, muitas dúvidas e perguntas feitas pelos alunos foram sendo respondidas. No quadro, foram anotados os pontos considerados importantes pelos alunos:

“Marzagão surgiu em 1878, devido a uma fábrica de tecido.”

“Na localidade existiam: agência dos correios, cinema, escola, distribuidora de energia, armazém, posto médico.”

“Hoje só há a fabrica, um bar e uma escola.”

“Os tecelões dormiam em dormitórios. Não viviam ali com suas famílias.”

Os alunos ficaram impressionados com a quantidade de pessoas que trabalhavam em Marzagão e com outros aspectos apresentados no vídeo:

“Poxa vida, olha o campo, ele já existia nesta época” (alguns alunos jogam futebol neste campo).

“Olha o uniforme dos caras, que diferente.”

“Não sabia que o carnaval era uma festa muito animada em Marzagão.”

Especificamente sobre General Carneiro, os alunos puderam ver através de um vídeo que:

A região de General Carneiro só veio a surgir a partir da construção da estação em 1895.

Seu nome se originou em homenagem a um herói da guerra com o Paraguai, que foi morto em batalha.

A estação ferroviária foi construída com os melhores materiais da época, todos vindos da Europa.

Não tinha janelas, mas sim 27 portas.

Foi demolida em 1960, pois precisava de muitas reformas e estava ultrapassada.

Os moradores não gostaram desta demolição.

Ainda nessa aula, foi solicitado aos alunos que eles realizassem uma atividade em casa (Anexo IV). Eles deveriam conversar com os seus parentes sobre o passado da região de General Carneiro. Como era, por exemplo, o transporte, a distribuição de água, o comércio, etc.

Na quinta aula, o planejamento foi o de se discutir com os alunos as respostas dadas à atividade realizada com os parentes dos mesmos: como era o passado de General Carneiro. Organizamos-nos em círculo, e iniciei a nossa conversa contando a eles como era o meu bairro, Nações Unidas, também pertencente ao Distrito de Carvalho de Brito, em 1978, ano em que me mudei para ele.

Durante a minha fala, houve manifestação dos alunos. Todos tinham algo para dizer sobre o passado de nossa região, interesse despertado a partir das interações que esses alunos tiveram com seus pais, avós, tios, vizinhos. Algumas das frases ditas pelos alunos foram:

“Era bom naquele tempo.”

“Eu queria ter vivido naquela época.”

“Tudo era mais difícil.”

“Não havia violência.”

Em seguida, cada um deles leu o seu texto para a turma, e desta maneira todos tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre a nossa comunidade. O ponto mais interessante foi ao falar da antiga estação de General Carneiro (Figura 3).

Figura 3 – Antiga Estação Ferroviária de General Carneiro



Alguns alunos relataram que as pessoas com as quais conversaram conheciam a estação, e ela era linda. Possuía bares, cafés, restaurantes, lojas, e as moças e rapazes iam até à estação para passear nos fins de semana. Neste momento, começaram as comparações com os dias atuais, sobre o que os jovens fazem para se distrair nos fins de semana.

Entendo que essa atividade vai ao encontro do que defendem Pimentel, Bittencourt e Ferrón. Para eles, “todo e qualquer artefato, independentemente de sua categoria, é um potencial suporte de informação sobre os processos sociais e comunicativos que o gerou” (PIMENTEL, BITTENCOURT e FERRÓN, 2006, p 92).

Na sexta aula, os alunos foram levados até o local onde a antiga estação General Carneiro se situava, hoje demolida. Como o local é próximo à escola,

fomos a pé (Figura 4). Antes de sairmos, pedi aos alunos que prestassem atenção ao ambiente em torno do local como moradias, pessoas, carros, roupas, comércio, etc.

Figura 4 – Alunos dirigem-se ao local da antiga estação ferroviária



Os alunos puderam identificar o local onde a estação existia (Figura 5), e fizeram algumas observações, como:

“Estou pensando onde era a estação.”

“Ela devia ser bem grande.”

“Que pena, ela devia ser linda.”

“Podia ser um ponto turístico do nosso bairro.”

“Professora, por que deixaram ela ser destruída?”

Figura 5 – Alunos identificam o local onde existia a antiga estação ferroviária



Ao voltarmos para a escola, os alunos foram convidados a desenhar, a partir de uma cópia da imagem da estação (Anexo V), como ela estaria hoje devido à interferência da modernidade local (Figura 6). Como seriam as placas, os trens, as roupas dos frequentadores, os arredores, e outros? Em outras palavras, como teria sido a interferência do tempo em nossa história, da modernidade sobre o nosso patrimônio.

Figura 6 – Alunos realizam a atividade proposta para a sexta aula



Alguns dos trabalhos produzidos pelos alunos são apresentados a seguir (Figuras 7 a 10):

Figura 7 – Representação dos efeitos da modernidade sobre o patrimônio histórico (a)



Figura 8 – Representação dos efeitos da modernidade sobre o patrimônio histórico (b)



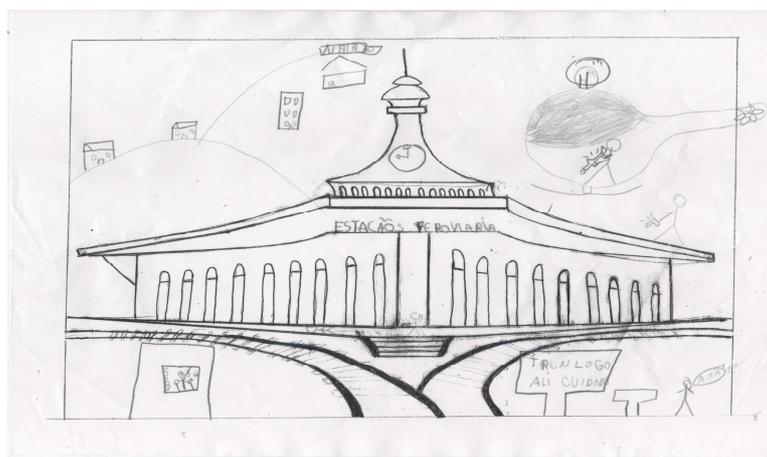
Figura 9 – Representação dos efeitos da modernidade sobre o patrimônio histórico (c)



Figura 10 – Representação dos efeitos da modernidade sobre o patrimônio histórico (d)



Figura 11 – Representação dos efeitos da modernidade sobre o patrimônio histórico (e)



Nesta atividade, a proposta aos estudantes era a de que eles fizessem a apropriação de um figurativo imaginário. No sentido do que nos aponta Viana (2007), isso significaria uma forma de acrescentar aos espaços urbanos deteriorados uma visualidade que pudesse propiciar experiências visuais diferentes daquelas que a própria cidade produz. Seria uma forma desses estudantes desejarem uma outra cidade, imaginá-la.

CAPÍTULO 4 – DADOS DO ESTUDO

4.1 – Os dados construídos

Com as ações desenvolvidas neste estudo, foram construídos os dados que me permitiram fazer as análises que serão apresentadas na próxima seção. Essa construção se fez a partir dos registros em caderno de campo, da produção escrita dos alunos, dos desenhos feitos pelos alunos, e das entrevistas que os alunos fizeram com os seus familiares e vizinhos.

Registros em caderno de campo (pré-aulas, e 1ª à 6ª aulas) Foram feitos registros detalhados em caderno de campo de todas as etapas do desenvolvimento do estudo. Os registros referem-se aos encontros com a orientadora para (re)-elaboração conjunta dos caminhos teórico-metodológicos do estudo; aos encontros com a professora da turma onde a estudo se desenvolveu (para elaboração conjunta de nossas estratégias de atuação durante todo o desenvolvimento do estudo); aos planejamentos e desenvolvimentos das aulas em que os dados foram produzidos; outros registros.

Produção escrita dos alunos (1ª, 2ª e 4ª aulas) A produção escrita dos alunos foi constituída pelas respostas dadas às questões propostas por mim nas aulas desenvolvidas.

Desenhos dos alunos (1ª, 2ª e 6ª aulas) Os desenhos feitos pelos alunos em atendimento às atividades propostas por mim nas aulas desenvolvidas.

Entrevistas (4ª e 5ª aulas) As respostas obtidas pelos alunos nas entrevistas realizadas pelos mesmos junto aos seus parentes e vizinhos.

4.2 - Algumas análises

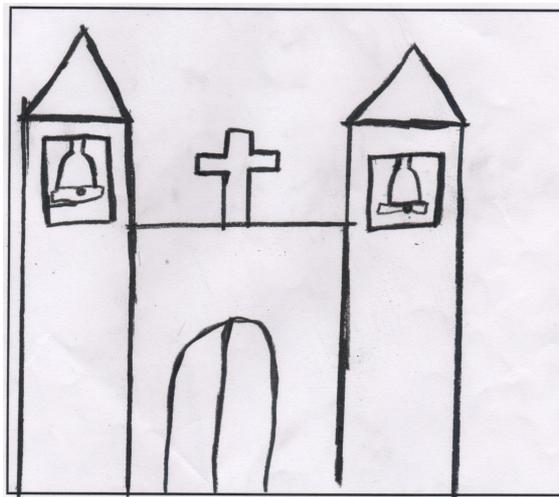
As análises aqui descritas se juntam àquelas já feitas no capítulo anterior, que tratou do desenvolvimento das aulas.

Na primeira aula, como vimos, pedia-se aos alunos um desenho sobre a cidade de Sabará, depois que aspectos históricos da cidade foram discutidos com eles. Além de terem que dizer sobre a importância de preservar aspectos culturais de nossa comunidade. Quero dizer que meu principal objetivo em falar da história oficial de Sabará é de certa forma mostrar aos alunos que apesar de vivermos na mesma cidade, nosso bairro que abrange a regional de General Carneiro também tem histórias, valor, tradições e cultura, e que ninguém reconhece ou vê como patrimônio.

Verifiquei que os alunos tiveram dificuldades em reconhecer alguns dos elementos retratados nas fotografias antigas do centro histórico de nossa cidade por mim exibidas a eles. Outros alunos se surpreenderam ao saber que Sabará é mais antiga que Belo Horizonte.

Percebi que muitos alunos ficaram tensos e que outros se recusaram a desenhar. Os que fizeram a tarefa, só desenharam igrejas, assim mesmo, com poucos detalhes e basicamente utilizando linhas retas (Figura 12):

Figura 12– Atividade realizada por um aluno na 1ª aula



Por isso, a segunda aula teve a intenção de encorajar os alunos a perderem o medo de desenhar, bem como de estimular seus olhares para os detalhes de uma imagem. Desenhei com eles o tempo todo, e percebi que eles iam agregando outros elementos em relação aos desenhos originais, se sentindo mais livres e abertos a desenhar (Figura 13).

Figura 13– Atividade realizada por um aluno na 2ª aula



Sobre a preservação dos monumentos históricos da cidade, todos os alunos reconheceram a importância dessa ação, seja para preservar as belezas que eles representam, seja porque são históricos, seja porque podem ser polo de atração turística, dentre outras respostas.

Como vimos, as aulas terceira a quinta serviram para um debate mais aprofundado sobre a história da região de General de Carneiro, incluindo a antiga Estação Ferroviária. Muitas dúvidas dos alunos foram surgindo com relação à história dessa região durante as atividades desenvolvidas. Os alunos se interessavam em conhecer mais sobre a nossa história. Todos tinham algo a falar sobre como eles pensam como era o passado da nossa região. Ficaram surpresos com as mudanças que um local pode sofrer com o passar do tempo. Ficaram interessados pelas fotografias antigas exibidas, perguntando como eram as máquinas fotográficas naquele tempo. Sugeri que eles buscassem respostas sobre isso para discussão em sala de aula.

Nessas aulas, importante também foram as atividades relacionadas à entrevista que os alunos fizeram com os seus parentes e vizinhos: a interação dos alunos com a comunidade e a socialização dos resultados em sala de aula.

Vejamos que essa comunicação intergeracional propiciada por essas atividades vai ao encontro do que defende Ivanilda Junqueira (referindo-se a Bosi):

A importância da memória oral é muito grande para se constituir a crônica do cotidiano, e a história a que se refere é a história de cada um, construída ao longo da vida, a partir do cotidiano que ela considera sempre relevante, pois, a toda hora somos capazes de recuperar aspectos do nosso passado, mas o relato primordial é o que pode ser feito a outras pessoas porque, desse modo, o que vivemos ganha dimensão social. Ao falar da cidade, traz aspectos que não são apenas visuais. Para ela, os sons, os cheiros também despertam a memória e a memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações (JUNQUEIRA, 2013, p.11).

Das respostas obtidas pelos alunos sobre como era o passado de General Carneiro, podemos destacar os seguintes trechos:

“Meu avô me contou que o transporte era feito através do trem de ferro. A água vinha através de cisternas e bicas. O comércio era através de armazéns e mercearias. Tudo era com dificuldade.”

“O transporte era o subúrbio que era o trem de ferro, e eles buscavam água em nascente. Meu avô me contou que a vida não era fácil. Se divertiam quando vinha circo ou parques em General Carneiro.”

“O transporte era feito através de trens e cavalos. A água era retirada de cisterna. O comércio era feito pelas pequenas vendas e armazém. A vida era bem mais difícil. As diversões eram quando haviam quermeces, circos, parques quando vinham de fora, e os rios e pescarias.”

“General Carneiro era muito diferente de hoje. A maioria das ruas não eram asfaltadas, e só existia uma linha de ônibus que só andava cheio. Existia também um trem subúrbio. Meu avô foi o primeiro motorista do “poeirinha”, uma linha suplementar aqui do bairro. Quase todos tinham cisterna, a Copasa veio no começo dos anos 80. Havia um clube de dança na rua Carvalho de

Brito com Caxambu. As pessoas enchiam os campos de futebol aos domingos. De vez em quando tinham circo ou parquinho instalados no bairro. Em alguns pontos, a vida não era fácil como hoje (saúde, escola, transporte, supermercado, etc.). Mas com o progresso também vieram outros problemas.”

“Minha avó Jovelina disse que onde hoje tem a Escola Municipal Elza Soares tinha um posto policial e muitas pessoas morreram ali. O transporte era o subúrbio.”

“Minha mãe não tem resposta porque moramos em General há apenas 10 anos, e não gostamos de morar aqui. Porque falta água, falta luz, porque é um lugar que dá medo. Assinatura da minha mãe para prova: (...)”

“Antigamente eram usados mais é cavalos, bondes, carroças, etc. As pessoas pegavam água em poços, rios. A vida não era mais fácil não.”

Registrar esse rico trabalho foi uma forma de recontar o passado e um resgate de memórias às vezes esquecida. Vai-se ao encontro, entendo, do que defende Arroyo sobre a manutenção do “patrimônio vivo”. A autora argumenta que é preciso conservar esse patrimônio tão representativo, carregado de simbologias e de histórias plurais sobre a cidade.

Por meio desse resgate, mostrou-se a importância que a cidade tem para os seus moradores, e os significados que ela pode exprimir. Nesse sentido, a cidade é um organismo vivo onde a vida urbana acontece, como diz Ítalo Calvino, escritor cubano de ascendência italiana, autor do célebre *As cidades invisíveis*. Nessa obra, as experiências da imaginação e do imaginário são apresentadas. O autor une imaginação, memória e cidade, como no seguinte trecho:

A cidade de quem passa sem entrar é uma: é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar;(Calvino, *As cidades invisíveis*, 1972. p. 115)

De acordo com Conceição (2006), Calvino não limita a cidade apenas aos aspectos físicos de suas construções. Ele fala de personagens e vidas construídas no espaço urbano. Em meu trabalho, guardadas as devidas proporções, a cidade da qual falo é também a fala de seus personagens e de suas vidas construídas nesse espaço.

A sexta aula, finalmente, foi a dedicada à visita ao local onde existia a antiga estação ferroviária de General Carneiro, e também a dedicada à realização do desenho pelos alunos. Sobre uma imagem da estação, como vimos, os alunos representariam os efeitos do tempo sobre o entorno do local, considerando que ela ainda existisse nos tempos atuais.

Novamente, da mesma forma que ocorreu na primeira aula, alguns alunos apresentaram resistência ao desenhar. Para contornar essa situação, solicitei que o trabalho fosse feito em grupos de três alunos, além de desenhar junto com eles. Com essas medidas, mesmo os alunos inicialmente resistentes, gostaram da atividade e a desenvolveram com entusiasmo.

Interessante registrar alguns elementos que foram frequentes nos desenhos feitos pelos alunos: veículos, placas de sinalização, equipamentos urbanos diversos, construções residenciais horizontais e verticais, aeronaves, como também fatos que ocorrem na região como tiroteios, tráfico de droga, trânsito intenso, comércio bem diversificado.

Observando as atividades, percebo que todos os alunos apresentaram cenas em seus desenhos. Há sol, nuvens, pessoas, carros, aviões, comércio. Também observei que os alunos demonstraram o cotidiano da comunidade como: a violência, o tráfico, o movimento de pessoas. Essas representações feitas com os desenhos, para mim, mostram uma maturidade, uma preocupação com o local onde eles vivem. Os desenhos são bem estruturados, pois representam tanto as necessidades da comunidade, quanto o que acontece no seu dia-a-dia.

Também pude registrar um fato interessante durante a atividade quando um aluno critica o desenho feito por seu colega:

Aluno 1 – Nunca vi neve em General.

Aluno 2 – Isso não é neve, é neblina.

Aluno 1– Neblina? E esse sol rachando no céu? Nunca vi um dia de sol com neblina.

Aluno 2 – Eh cara, para de ser chato e vai fazer o seu trabalho.

Com a realização dessas atividades pude perceber dois aspectos: o primeiro o uso da imaginação, e o segundo, o mesmo sentimento que Junqueira teve ao relatar o desenvolvimento de seu projeto em sala de aula. A autora concluiu que:

Meninos e meninas vislumbraram aspectos da sua cidade natal que até então não valorizavam. Aspectos que vão sendo esquecidos à medida que a intervenção urbana modifica a paisagem por meio de demolições e da construção de novos prédios por aqueles que almejam uma cidade moderna (JUNQUEIRA, 2013, p.12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com formação inicial em Educação Artística, mas atuando em Sabará/MG como professora generalista nos primeiros anos do ensino fundamental, sempre me chamou a atenção o fato de que o rico patrimônio histórico, cultural e natural deste Município não seja devidamente explorado para fins educacionais.

Praticamente ausente no nível fundamental, o ensino-aprendizagem de Artes como temos entendido como desejável, quando ocorre, está dissociado desse patrimônio histórico, cultural e natural. Assim, abre-se mão da utilização de uma abordagem relacionada a uma educação patrimonial.

Compreendo que trabalhar patrimônio não é só se referir ao passado, mas também valorizar o que é esta sendo criado hoje e o que já existe sem se esquecer do futuro.

Entendo que as mediações das aulas e as outras ações desenvolvidas para alcançar os objetivos traçados para este estudo foram ao encontro das posições dos referenciais que elegemos. Os dados analisados indicam que o processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais, numa abordagem relacionada à educação patrimonial, pode propiciar os resultados que esperamos, tanto para a formação dos educandos, quanto para a formação dos docentes-investigadores envolvidos.

Nesse processo, pude constatar a importância do professor na mediação em sala de aula. O professor é aquele que pode funcionar intervindo e mediando a relação do aluno com o conhecimento, uma vez que a relação do sujeito com o conhecimento não é uma relação direta, mas mediada.

Sobre a utilização da técnica do desenho em perspectiva, reflito que minhas ações com esses estudantes representaram um passo inicial para a inserção dos mesmos no mundo das Artes Visuais. Ainda que inicial, entendo que esse

passo foi também pioneiro e importante, ao introduzi-los na riqueza das técnicas envolvidas nesse campo do conhecimento em geral, e nas técnicas do desenho em particular. Não era nossa pretensão que os alunos tivessem um curso de desenho em perspectiva, ao fim do qual pudessem dominar as complexas técnicas envolvidas. Mais importante que isso era conduzi-los ao conhecimento dos conceitos envolvidos e, mais importante, aliando-os aos contextos de aplicação. Nesse sentido, entendo que representou uma estratégia importante, que deve ser incentivada e continuada como elemento no processo de ensino e aprendizagem de Artes Visuais. Os conteúdos envolvidos são relevantes e não podem ser desconsiderados nesse processo.

Os resultados da atividade relacionados às inserções imaginárias, como vimos, retrataram sonhos desses estudantes, paisagens imaginárias e até fantásticas, como foi o caso do desenho com a inserção da neve. Nesse sentido, como diz Viana (2007), esse apelo ao figurativo imaginário nos remete a artistas surrealistas. O surrealista é aquele que se inclina diante da imaginação, convida a ultrapassar o mundo utilitário, aposta no revolucionário, no extraordinário, naquilo que ganha destaque no costumeiro. O Surrealismo foi capaz de ampliar a percepção dos sentidos e das experiências artísticas, trazendo para a arte também uma relação de não-conformismo, de oposição, de divergência e de insubordinação às regras instituídas. Ainda de acordo com Viana (2007), o Surrealismo adicionou à arte o inconsciente, constituindo uma forma de arte inspirada profundamente na experiência de vida. Com a realização dessa atividade proposta aos estudantes, um primeiro passo em direção a essa percepção dos sentidos e das experiências artísticas foi dado.

Percebi ainda que durante as atividades relacionadas a desenho poderia ter explorado muitas outras técnicas e muitos outros aspectos do desenho e das Artes Visuais, mas tive que optar pelo desenho de perspectiva e desenhos imaginativos. Essa escolha se justifica pelo fato de o desenho por perspectiva permitir uma experiência mais racional da relação objeto-espaco, e também porque os desenhos imaginativos permitirem aos alunos a expressão lúdica que está mais próxima do universo infantil.

Entendo que minhas ações foram a de buscar e criar situações que os alunos pudessem perceber o quanto a região onde moramos tem uma rica e vasta memória. Compreender e entender como tudo se transforma e que precisamos o objetivo maior não foi o de conhecer a história da estação de General Carneiro, mas que os alunos possam perceber e conhecer como a cultura local de nossa região.

Marcamos e somos marcados no espaço urbano; nossos desejos e anseios ficam impressos nas ruas das nossas vidas e das nossas cidades, diz Conceição (2006). De acordo com esse autor, Calvino entende que a cidade pode ser tomada como um caminho para a compreensão do drama humano. É isso que vimos neste trabalho: os dramas humanos expressos nas falas dos estudantes, nos seus desenhos, nos seus escritos que representam as falas de seus familiares, etc.

Entendo, no sentido que discorre Conceição (2006), que os estudos que fiz sobre a cidade podem contribuir para uma melhor compreensão dos seus espaços: das peculiaridades locais, da diversidade de sua gente, da multiplicidade dos modos de apreensão e vivência, da variedade de formas da própria cidade.

Outra lição importante diz respeito às atividades realizadas fora de sala de aula, como a visita ao local onde existia a antiga estação ferroviária. Constatei que a utilização desse recurso pedagógico, até certo ponto lúdico, apresenta uma série de vantagens como estratégia instrucional, e que pode funcionar como fonte de novas aprendizagens em Artes Visuais como: desenho de observação, fotografia, pintura. Este tipo de atividade é composto de muito conteúdo cultura e os alunos, atuando neste espaço puderam vivenciar um espaço lúdico que é repleto de aprendizagem.

Também, pude ver de perto as vantagens do uso da Proposta Triangular do Ensino de Arte. De acordo com esta proposta, a construção do conhecimento em Artes acontece quando há a interseção da experimentação com a

codificação e com a informação (Maria Cristina de Souza Rizzi). De acordo com Barbosa, autora da proposta, esse conhecimento deve relacionar a produção artística com a análise, a informação histórica e a contextualização. Isso foi o que tentei fazer no desenvolvimento das aulas aqui relatadas.

Outro aspecto que acho importe dizer é que nossos alunos perceberam que a cidade não é apenas o centro histórico e que os espaços urbanos de qualquer localidade também são fontes de conhecimento. Em cada uma das regionais, vilas, bairro, comunidades e outras, existem histórias, monumentos, imagens a serem conhecidas e resgatadas, e que este processo pode ajudar a preservar a identidade dos grupos sociais.

Quero dizer que muitas ideias foram surgindo ao longo do desenvolvimento do trabalho, mas o tempo não permitiu que isso pudesse acontecer. Espero poder desenvolver com meus alunos, numa próxima oportunidade atividades como: fotografia e pesquisa sobre os artistas locais.

Por fim, tenho que fazer menção também às minhas ações como docente e a relação que busquei fazer neste estudo que envolveu a educação em Artes Visuais e o patrimônio histórico-cultural da cidade onde eu e meus alunos moramos. Entendo que busquei valer, e obtive sucesso nisso. Como mostrar aos alunos e professores que é preciso ficar atentos à construção de nossas identidades e que todas as regiões da cidade precisam ser tratadas e entendidas como um espaço educativo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M.A. *Educação patrimonial ou a cidade como espaço educativo?* Outro Olhar, Belo Horizonte, p. 32-35, 01.out.2005.

ARROYO, M.A. *A preservação do patrimônio histórico enquanto política pública.* Outro Olhar, Belo Horizonte, p. 32-34, 01.out.2006.

BARBOSA, A. M. *As mutações do conceito e da prática.* In: BARBOSA, A. M. (Org.) *Inquietações e mudanças no ensino da Arte.* São Paulo: Cortez, 2002.

COELHO, R. B. *O desenho ou a vontade do seguinte.* Curso de especialização em Artes Visuais, UFMG.

CONCEIÇÃO, S.J. *Aprendizagem ou as escolas invisíveis: a cidade como espaço de aprendizagem.* Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

FREITAS, M. T. A. *A perspectiva vigotskiana e as tecnologias.* Revista Educação, São Paulo: Editora Segmento, agosto/2010.

JUNQUEIRA, A.A.J. *Educação patrimonial e o direito à cidade.* Disponível em:<
<http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/EP09.pdf>,>

Acesso em: setembro/2013.

LIBÂNIO, C.A. *Mapeamento cultural: política pública e convivência social*.

Disponível em: < www.favelaeissoai.com.br > Acesso em: maio/2013.

MARTINS, M. C. *Atitudes e valores no ensino de Arte*. In: BARBOSA, A. M. (Org.) *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

METZGER, P. *A perspectiva sem dificuldades*. Benedikt Taschen, Köln, 1995.

MOURA, M.O. *A séria busca no jogo: do lúdico na matemática*. In Kishimoto, T.M. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo, SP: Cortez, 2010.

PARRAMÓN, J.M. *Como desenhar em perspectiva*. Instituto Parramón Ediciones, Barcelona, 1986.

PIMENTEL, T. V. C; BITTENCOURT, J. N; e FERRÓN, L. M. A. *Revista CPC*. São Paulo, n. 3, p. 91-109, nov. 2006/abr.2007. Disponível em: < http://www.usp.br/cpc/v1/php/wf07_revista_interna.php?id_revista=7&id_conteudo=3&tipo=6 > Acesso em: maio/2013.

RIZZI, M. C. S. *Caminhos metodológicos*. In: BARBOSA, A. M. (Org.) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

VIANA, M.L.D. *Dissidência e subordinação: um estudo dos grafites como fenômeno estético/cultural e seus desdobramentos*. Dissertação (Mestrado) –

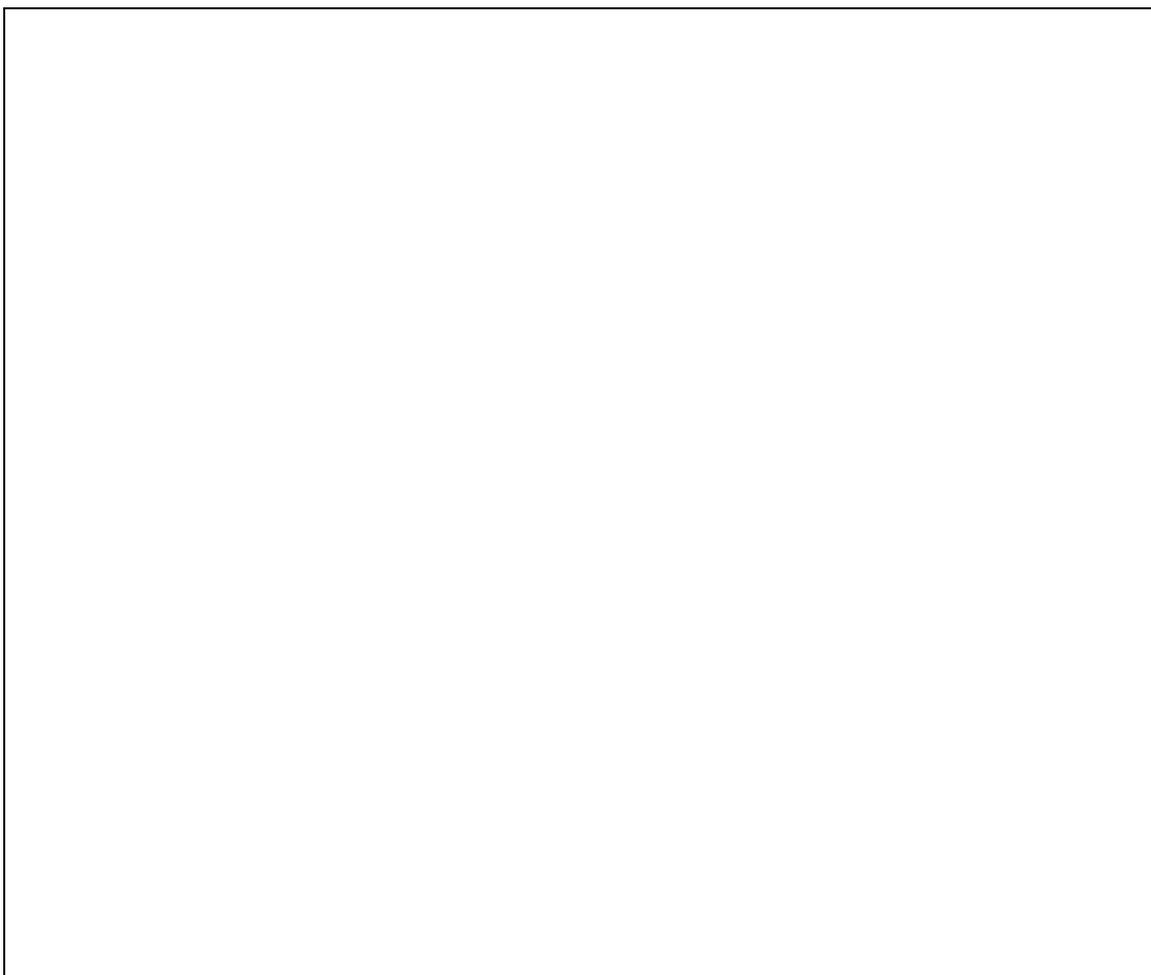
Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ANEXOS

Anexo I – Atividade desenvolvida no final da 1ª aula

ATIVIDADE

No espaço abaixo faça um desenho sobre a cidade de Sabará.



Por que devemos preservar aquilo que é importante para nossa comunidade?

Anexo II – Atividade desenvolvida no início da 2ª aula

Veja esta igreja:



Com ajuda da professora, tente desenhá-la, observando os detalhes.

Anexo III – Link do vídeo exibido na 4ª aula

<https://www.youtube.com/watch?v=zVqt-gSWJUE>



The screenshot shows a YouTube video player interface. The browser address bar displays the URL <https://www.youtube.com/watch?v=zVqt-gSWJUE>. The video player itself shows a black and white historical photograph of a textile factory interior. A text overlay on the video reads "Alfas Tecelagem - SA-SD Cia de Fiação e Tecidos Minas Gerais". The video player controls show a progress bar at 00:46 / 12:02. Below the video, the title "Memórias de General Carneiro - Sabará" is displayed. The channel name "Sérgio Abreu · 7 vídeos" is visible, along with a red "Inscrever-se" button and a comment count of 38. On the right side, the view count is "77 visualizações" with 1 like and 0 dislikes.

Anexo IV – Atividade solicitada na 4ª aula

PARA CASA

Converse com seus pais, avós, tios ou outro parente e peça para que eles contem sobre o passado de General Carneiro. Por exemplo, como era o transporte, a distribuição de água, o comércio, se a vida era mais fácil, onde as crianças e os adultos se divertiam?

Anexo V – Atividade desenvolvida na 6ª aula

